

Leandro Karnal (org.)  
Lourdes S. Domínguez (org.)  
Luis Guilherme A. Kalil (org.)  
Luiz Estevam de O. Fernandes (org.)

# Cronistas do Caribe



UNICAMP

Série IDÉIAS 12  
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas  
Universidade Estadual de Campinas  
2012

# Coleção IDÉIAS 12

## CRONISTAS DO CARIBE

Prof. Dr. Leandro Karnal, Profa. Dra. Lourdes S. Domínguez,  
Prof. Dr. Luiz Estevam de O. Fernandes e Ms. Luis Guilherme A. Kalil (orgs.)  
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Estadual de Campinas  
Diretora: Profa. Dra. Nádia Farage  
Diretor Associado: Prof. Dr. Sidney Chalhoub

ISBN 978-85-86572-49-4

### Comissão de Publicações:

Coordenação Geral  
Prof. Dr. Sidney Chalhoub;  
Coordenação da Coleção Idéias:  
Profa. Dra. Neri de Barros Almeida;  
Coordenação das Coleções Seriadadas:  
Prof. Dr. José Carlos Pinto de Oliveira;  
Coordenação da Coleção Trajetória:  
Prof. Dr. Álvaro Bianchi;  
Coordenação das Coleções Avulsas:  
Profa. Dra. Guita Grin Debert.

### Representantes dos Departamentos:

Profa. Dra. Neri de Barros Almeida – DH,  
Prof. Dr. José Carlos Pinto de Oliveira – DF,  
Prof. Dr. Álvaro Bianchi – DCP,  
Profa. Dra. Guita Grin Debert – DA.

### Representantes dos funcionários do

### Setor de Publicações e Gráfica:

Maria Cimélia Garcia e Marcílio César  
de Carvalho.

### Representantes discentes:

Rodrigo Bulamah (pós-graduação).  
Gabrieli Simões (graduação).

Editoração e finalização miolo e capa: Setor de Publicações

Projeto da capa: Vlademir José de Camargo

Capa: Theodor de Bry. *Americae Pars Quarta*. Frankfurt, 1594

Impressão: Gráfica do IFCH – Unicamp

### Ficha Catalográfica Elaborada pela

### Biblioteca do IFCH – Unicamp

Bibliotecária: Cecília Maria Jorge Nicolau CRB nº 3387

C881 Crônistas do Caribe / Leandro Karnal... [et al.], org.  
Campinas, SP: UNICAMP/IFCH, 2012.  
306 p. : il. (Coleção Idéias; 12)

ISBN 9788586572494

1. Índios da América Central - Caribe. 2. Crônicas americanas.  
3. Cultura. 4. Memória. 5. Historiografia. 5. Alteridade. 7. Caribe  
- História. I. Karnal, Leandro, 1963- II. Universidade Estadual de  
Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.  
IV. Série.

CDD 972.9

### Índice para catálogo sistemático:

Índios da América Central	980.01
Crônicas americanas	813
Cultura	306
Memória	153.12
Historiografia	907.2
Alteridade	305.8
Caribe - História	972.9

# CONSTRUIR A HISTÓRIA DOS POVOS AMERÍNDIOS COM AS FONTES COLONIAIS DE MATRIZ EUROPEIA

*Eduardo Natalino dos Santos<sup>1</sup>*

## **Introdução**

Ao ser questionado se os textos dos missionários espanhóis do século XVI ajudavam ou atrapalhavam na pesquisa sobre a história, a cultura e os escritos pictográficos mesoamericanos, um dos mais importantes estudiosos desses manuscritos respondeu que “As duas coisas, evidentemente! Tratados com cautela, os textos proporcionados pelos cristãos podem ser muito úteis, às vezes são indispensáveis [...]” No entanto, continuou ele, em algumas ocasiões “[...] talvez seja melhor não ler (tais textos), pois confunde(m) mais do que esclarece(m) e cria(m) problemas que não existem. São problemas criados pelos próprios cronistas, e que alguns estudiosos posteriores continuam examinando e tentando explicar.”<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Professor do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas e do Centro de Estudos Mesoamericanos e Andinos, Universidade de São Paulo.

<sup>2</sup> O estudioso mencionado é Gordon Brotherston, quem se dedica a estudar as inscrições e códices mesoamericanos há mais de quatro décadas, além de também pesquisar textos e outros sistemas de representação de povos ameríndios de outras partes do continente. Em 1998, depois de ministrar uma disciplina de pós-graduação no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, intitulada *Códices mexicanos: panorama e análise*, Brotherston concedeu uma entrevista à equipe do Centro Virtual de Estudos Históricos (CEVEH), coordenado pela

Essa resposta surpreendeu um pouco o aluno de História que havia feito a pergunta, pois esperava que o estudioso dos códices lançasse uma crítica ainda mais radical e generalizada ao uso dos textos produzidos pelos castelhanos ou outros povos europeus como fontes históricas para o entendimento dos manuscritos e das especificidades histórico-culturais dos povos mesoamericanos. Isso porque, naquele momento, esse aluno dedicava-se a comparar *historias*<sup>3</sup> de missionários castelhanos sobre os nahuas produzidas na segunda metade do século XVI com os textos cosmológico-históricos confeccionados pelos próprios nahuas no mesmo período, dando-se conta, inclusive com a ajuda da disciplina ministrada pelo próprio estudioso dos códices, das enormes diferenças e disparidades conceituais que separavam esses dois grupos de escritos.<sup>4</sup>

Evoco esse caso por pensar que a resposta dada pelo estudioso pode ser útil para começarmos a refletir sobre as possibilidades e as limitações envolvidas na adoção dos textos de matriz europeia do início do período colonial como fontes históricas para a compreensão da cultura e da história ameríndia – colonial e pré-hispânica – de outras regiões do continente que não apenas a Mesoamérica, para a qual a resposta parece-me muito adequada.<sup>5</sup>

---

professora Janice Theodoro. A transcrição dessa entrevista pode ser lida em BROTHERSTON: 1998. Essa entrevista também se encontra disponível no *site* do Centro de Estudos Mesoamericanos e Andinos da Universidade de São Paulo (CEMA/USP): [www.usp.br/cema](http://www.usp.br/cema).

<sup>3</sup> Algumas das principais características desse gênero literário no século XVI estão apontadas na nota 7.

<sup>4</sup> A posição de narrador onisciente que assumo em relação ao aluno de História deve-se ao fato dele ser eu mesmo. Optei por iniciar o artigo desse modo porque tal pergunta e resposta pareceram-me um excelente ponto de partida para refletir sobre a questão mais geral que me foi apresentada pelos organizadores deste dossiê, a saber: quais as possibilidades de estudar a história dos índios por meio da análise das crônicas coloniais? Aproveito o caráter subjetivo desta nota para agradecer a Luiz Estevam de Oliveira Fernandes e a Leandro Karnal pelo convite a escrever este texto.

<sup>5</sup> Tratamos, em outras ocasiões, de avaliar as relações entre as *historias* de Bernardino de Sahagún, de Diego Durán e de José de Acosta com o pensamento nahua acerca da cosmologia e das deidades (Cf. SANTOS: 1998 e 2002).

Vejam, primeiramente, em que reside essa adequação e, em seguida, se o mesmo pode ser dito em relação aos textos de matriz europeia produzidos nos Andes Centrais durante a época em que essas duas macrorregiões começaram a se tornar, efetivamente, o que podemos chamar de América espanhola, isto é, no período colonial inicial.<sup>6</sup> Depois, à maneira de conclusão e à luz dos casos da Mesoamérica e dos Andes Centrais, lançaremos algumas reflexões sobre como o mesmo problema vem sendo tratado nos casos das regiões do Circuncaribe e da Amazônia.

## O uso das fontes coloniais de matriz europeia na construção da história dos povos ameríndios.

### A – Mesoamérica

No caso da Mesoamérica, uma afortunada conjunção de fatores permite que as informações contidas nas *historias, relaciones, crônicas* e

---

<sup>6</sup> Uma das principais fontes de equívocos no ensino e em parte da produção historiográfica voltada à história colonial – e que atinge particularmente a compreensão da atuação dos povos indígenas – é a persistente tentativa de caracterizar esse longo período de modo muito monolítico, ou seja, como se, por exemplo, a marcada hierarquia e relação de superioridade política entre castelhanos peninsulares, castelhanos nascidos na América e indígenas fosse uma realidade dada desde a queda de México-Tenochtitlan ou do garróteamento de Atahualpa até os processos de independência na América Espanhola continental. Em outras palavras, é urgente começarmos a considerar, efetivamente, as enormes transformações ocorridas durante o período colonial, em conjunto com as não menos drásticas distinções da forma como se deram em cada região do continente. Uma forma que vem sendo adotada por numerosos estudiosos das regiões centrais dos vice-reinos do Peru e da Nova Espanha – e que não necessariamente funciona automaticamente para todas as regiões do continente ou mesmo para a totalidade desses dois vice-reinos – consiste em subdividir a época colonial em *período colonial inicial* (do fim das conquistas castelhano-nativas de México-Tenochtitlan e de Cuzco até a significativa perda de poder por parte das elites nativas na organização sociopolítica dos vice-reinos da Nova Espanha e do Peru, isto é, das últimas décadas do século XVI ao início do século XVII), *período colonial médio* e *período colonial tardio* (das reformas borbônicas às vésperas das independências dos Estados-Nações).

outros gêneros de textos castelhanos do início do período colonial, geralmente chamados de crônicas<sup>7</sup>, possam ser analisadas à luz de uma enorme gama de outras evidências e fontes, de tipos e origens variadas.

Entre esses fatores, podemos destacar primeiramente a existência de sistemas nativos de escritura, como o epi-olmeca, o zapoteco, o maia e o mixteco-nahua, empregados por, pelo menos, dois mil anos antes da chegada dos castelhanos.<sup>8</sup> A utilização desses sistemas aparentados ao longo das diversas fases históricas pré-hispânicas da Mesoamérica resultou na produção de uma enorme quantidade de escritos, grafados nos mais diversos suportes materiais, como pedra, gesso, estuque, madeira, cerâmica, osso, papel, pele de animal, tecido e metal. Uma grande quantidade desses registros escritos, alguns deles produzidos muitos séculos antes dos mexicas empreenderem suas dominações, sobreviveram ao desgaste do tempo, sobretudo os grafados em suportes materiais pouco ou não perecíveis.<sup>9</sup> Esses registros

---

<sup>7</sup> Englobar os diversos gêneros literários do início do período colonial empregados pelos cristãos para tratar dos povos ameríndios – *relaciones, historias, anales e crônicas*, por exemplo – pode apresentar algumas vantagens analíticas, como a compreensão da circulação e da transformação de certas informações sobre os povos indígenas entre esses distintos tipos de texto ou o entendimento dos diferentes usos dessas informações nas estruturas argumentativas típicas de cada gênero. Por outro lado, o uso do conceito *crônica* de modo expandido pode resultar na invisibilidade ou subestimação dos objetivos, usos, meios de circulação, estruturas narrativas, argumentos e elementos retóricos típicos de cada um dos distintos gêneros literários que comumente se abrigam sob esse conceito expandido. Tais particularidades são de importância fundamental para analisar e avaliar as informações sobre os povos ameríndios contidas em tais textos. No caso do gênero *historia*, por exemplo, é fundamental considerar que estamos diante de um tipo de texto que, além de expor cronológica ou sequencialmente a história e os usos e costumes locais, deveria, acima de tudo, apresentar a disseminação, luta ou vitória das revelações contidas nos evangelhos sobre as nações que ainda não os conheciam ou que resistiam em aceitá-los como a revelação divina que dera início à idade do filho, à qual se seguiria a idade do espírito, marcada pela universalização do evangelho, e, por fim, a parusia.

<sup>8</sup> As mais antigas estelas zapotecas e olmecas são de aproximadamente 600 a.C.

<sup>9</sup> Entre esses registros, destacam-se os gravados em pedra, as estelas e as pinturas sobre cerâmica ou sobre estuque em murais.

mesoamericanos, especialmente os que se encontravam em produção e uso no século XVI, também tiveram que sobreviver às destruições de manuscritos, objetos e edifícios realizadas pelas autoridades religiosas e civis castelhanas. Infelizmente, as principais vítimas dessas destruições, que visavam eliminar os objetos e escritos considerados idolátricos, foram os escritos sobre papel, pele de animal e tecido, conhecidos como códices mesoamericanos, alguns dos quais haviam sido produzidos séculos antes.<sup>10</sup> De todos os modos, tais ações não foram suficientes para eliminar a totalidade dos escritos mesoamericanos ou mesmo dos códices produzidos na época pré-hispânica e no início do período colonial, permitindo que milhares deles – entre os quais estão cerca de uma dúzia de códices pré-hispânicos – sobrevivessem até a atualidade.<sup>11</sup>

Outro fator da afortunada conjunção é o reconhecimento mútuo que ocorreu, ainda no início do período colonial, de uma relativa equivalência ou possibilidade de transvase entre os sistemas mesoamericanos de escritura e o sistema alfabético. Tal reconhecimento deveu-se tanto a *tlacuilos* (os que escrevem pintando ou escribas) mesoamericanos quanto a alguns castelhanos – sobretudo missionários e funcionários da coroa de Castela –, permitindo que algumas demandas governamentais castelhanas e alguns projetos missionários ou atividades educativas cristãs voltadas para as elites nativas contassem com a participação de indígenas mesoamericanos na produção de manuscritos pictográficos, de textos alfabéticos em línguas mesoamericanas ou europeias ou, ainda, de escritos híbridos.<sup>12</sup> Até pelo

---

<sup>10</sup> Há inequívocas evidências que a produção de códices data, pelo menos, do período clássico (séculos II/III ao século X), mas chegaram até nós somente exemplares do período pós-clássico (século X ao século XVI).

<sup>11</sup> Um dos mais completos levantamentos desses manuscritos – que inclui os códices pré-hispânicos e coloniais e os textos alfabéticos nativos – encontra-se em WAUCHOPE & CLINE:1975, vol. 14 e 15.

<sup>12</sup> Como a feitura do *Códice Mendoza* e os trabalhos do dominicano Diego Durán e do franciscano Bernardino de Sahagún, além das atividades do Imperial Colegio de Santa Cruz de Tlatelolco. As referências bibliográficas completas dessas obras e de outras fontes mesoamericanas que viermos a citar podem ser obtidas no levantamento de fontes mencionado na nota anterior.

menos meados do século XVII, essas demandas foram fomentadoras da produção de centenas de textos nativos ou nativo-cristãos<sup>13</sup>, aos quais se acrescentaram outras centenas de textos nativos produzidos de modo mais autônomo – ou que atendiam, prioritariamente, a demandas dos próprios *cabildos* nativos, dos *pueblos* ou das cidades mesoamericanas que passaram a ser reconhecidas como municípios e foram fundamentais ao funcionamento do regime colonial nesse período inicial. Além disso, a produção de manuscritos pictográficos tradicionais, isto é, com formato, material, técnica, temática e estruturas organizacionais de matriz pré-hispânica, não cessou com a conquista e início da colonização, gerando dezenas de códices que são, ao mesmo tempo, coloniais e mesoamericanos tradicionais.

Com a existência desse enorme e variado conjunto de fontes escritas produzidas pelas populações indígenas da Mesoamérica pré-hispânica ou do início do período colonial, os textos castelhanos ou de matriz europeia que tratam da história e da cultura dos povos ameríndios dessa região estão longe de se constituírem como as únicas ou mesmo como as mais numerosas fontes escritas a serem analisadas pelo estudioso que se debruça sobre temas relacionados a essa macrorregião. Esse quadro de fontes permite que as informações constantes, por exemplo, nos textos dos missionários franciscanos e dominicanos que visavam converter profundamente os povos nahuas do altiplano central mexicano – como são as volumosas *historias* de Bernardino de Sahagún e de Diego Durán – sejam cotejadas com informações advindas de textos nativos ou nativo-cristãos. Os resultados desse cotejamento podem variar desde a detecção de informações coincidentes – o que não significa, necessariamente, que se tratam de informações historicamente verossímeis –, passando por informações divergentes – o que não significa, necessariamente, que as informações das fontes nativas sejam mais verossímeis que a dos textos cristãos – e chegando a informações

---

<sup>13</sup> Nem sempre é possível ou mesmo desejável classificar e separar os escritos e fontes visuais do período colonial inicial por meio de categorizações étnicas polares, como espanhóis e nahuas, por exemplo. Algumas implicações da adoção desavisada dessas categorizações para os escritos coloniais são estudadas em LEVIN ROJO: 2007, p. 21-54.

complementares ou que se iluminam mutuamente. Em outras palavras, mesmo que fiquemos presos ao âmbito do que tradicionalmente os historiadores têm considerado como fontes de pesquisa – ou seja, basicamente escritos e imagens – é possível montarmos um quadro amplo e variado de evidências que permite começar a avaliar as informações contidas nos escritos de matriz europeia, problematizando aquelas que não encontram confirmação nas fontes nativas.<sup>14</sup>

Esse tipo de comparação já é, por vezes, suficiente para percebermos uma série de problemas ou projeções criadas claramente pelos próprios cronistas coloniais, como a atribuição de características cristãs a Quetzalcoatl ou os equívocos ao explicarem o sistema de calendário mesoamericano. Tais equívocos e projeções podem, assim, ser descartados pelo estudioso preocupado em entender aspectos particulares e próprios da história e cultura dos nahuas, por exemplo.<sup>15</sup> Por outro lado, a comparação poderá indicar também quais são as informações dos textos de matriz europeia que reiteradamente se confirmam nas fontes nativas, o que pode ser um forte indício de verossimilhança, e ainda as informações ofertadas unicamente pelos textos de matriz europeia, mas que figuram como plausíveis dentro de um quadro de informações composto com a ajuda das fontes e estudos iconográficos, arqueológicos e antropológicos, o que também pode ser um forte indício de verossimilhança.<sup>16</sup>

---

<sup>14</sup> A continuidade dessa problematização requererá, como defenderemos abaixo, o apoio das fontes ou dos estudos arqueológicos e antropológicos, tão fundamentais para a avaliação crítica dos textos de matriz europeia quanto dos escritos nativos.

<sup>15</sup> É claro que não se trata de um descarte em absoluto de tais equívocos e projeções, mas de algo realizado em função dos objetivos das pesquisas que, no exemplo dado, seriam entender aspectos particulares e próprios da história e cultura dos nahuas. Em uma pesquisa sobre a percepção cristã do calendário e dos deuses mesoamericanos, por exemplo, tais problemas e projeções seriam objetos analíticos centrais.

<sup>16</sup> E é neste caso que um texto de matriz europeia pode ser de valor inestimável para a compreensão de aspectos da história e cultura dos povos mesoamericanos. Um exemplo concreto disso são as descrições realizadas por Bernardino de Sahagún e Diego Durán, a partir de depoimento e textos de indígenas nahuas, das festas realizadas por esses povos ao longo das dezoito vintenas em que se dividia o ano sazonal.

Por fim, no caso mesoamericano, a afortunada conjunção de fatores deve-se ainda ao fato de que os historiadores e outros estudiosos não precisam limitar suas pesquisas ao universo dos registros escritos e representações imagéticas nativas e de matriz europeia. A adoção de uma organização sociopolítica estamental e estatal e de assentamentos permanentes e, em muitos casos, urbanos, entre outras razões, fizeram que na Mesoamérica pré-hispânica e do início do período colonial fossem produzidas centenas de milhares de objetos de materiais pouco ou não perecíveis e que fossem construídas dezenas de milhares de edifícios e complexos arquitetônicos – para não falar dos incontáveis sinais da intervenção humana no mundo natural, que também podem ser fontes de informação ao estudioso. Uma boa parte desses objetos e construções chegou até nós e uma significativa parcela deles vem sendo estudada pelos arqueólogos desde o século XIX. Portanto, ao historiador que utiliza os escritos de matriz europeia como fontes de pesquisa sobre os povos ameríndios da nascente Nova Espanha é sempre possível – para não dizer recomendável ou mesmo obrigatório – conjugar tais fontes com escritos nativos e com as chamadas fontes materiais, mesmo que, neste último caso, isso se dê por meio de estudos arqueológicos que reproduzam representações de tais fontes, as descrevam ou as analisem. Com isso, o estudioso dos textos de matriz europeia interessado na história e cultura dos povos ameríndios da Mesoamérica pode obter ferramentas fundamentais para fazer a crítica dos conteúdos e informações apresentados em tais textos.

Por exemplo, com o emprego desses diversos tipos de fontes e estudos é possível saber que os castelhanos que estiveram na Mesoamérica no início do período colonial e escreveram sobre os ameríndios, de modo quase unânime, exageraram astronomicamente nas cifras e na importância dos assassinios cerimoniais em meio das festividades e celebrações político-religiosas dos nahuas do altiplano central mexicano. Isso porque os estudos arqueológicos, que confirmam a existência de tal prática<sup>17</sup>, têm mostrado

---

<sup>17</sup> Como os estudos realizados em Teotihuacan, no Templo Mayor e em centenas de outros sítios mesoamericanos.

que nenhuma evidência permite falar em dezenas de milhares de vítimas executadas apenas pelos mexicas e que tais práticas – que ocupam um enorme espaço narrativo nos textos dos missionários – eram realizadas em ocasiões muito especiais e não tão frequentemente como sugerem os cronistas coloniais cristãos. Desnecessário dizer que tal exagero relaciona-se com o papel central que tal prática assumiu nas justificativas cristãs para a conquista e evangelização dos povos ameríndios.<sup>18</sup>

Para completar esse complexo e privilegiado quadro de fontes e estudos, o historiador e o arqueólogo podem ainda contar com a colaboração dos estudos antropológicos empreendidos na região desde o século XIX até os nossos dias. Claro que não se trata de realizar uma ingênua projeção etnográfica retrospectiva a partir de tais estudos, ou seja, de buscar os dados etnográficos relacionados aos grupos indígenas supostamente menos contaminados pelas mudanças e transformações iniciadas com a chegada dos castelhanos e aplicá-los aos povos pré-hispânicos, pressupondo a identidade ou um alto grau de similaridade sociocultural entre grupos atuais e pré-hispânicos. Por outro lado, seria um grande desperdício analítico não considerar, por exemplo, manutenções e continuidades entre o universo material pré-hispânico e o de grupos indígenas atuais do México e Guatemala, além de continuidades entre as formas de pensamentos destes grupos e os conteúdos dos manuscritos pré-hispânicos ou nativos do século XVI.<sup>19</sup>

No interior dessa afortunada conjunção, os textos de matriz europeia sobre os povos mesoamericanos podem ser empregados como fontes

---

<sup>18</sup> Vale notar que o exagero nos números relacionados à prática do assassínio cerimonial também foi utilizado por etnias nahuas aliadas aos castelhanos. Isso ocorre, por exemplo, nos *Anales de Cuauhtitlan*, onde os habitantes dessa cidade atribuem tal crime aos derrotados mexicas, apontados, em alguns casos, como os introdutores ou praticantes por excelência de tais atos cerimoniais.

<sup>19</sup> Há muitas páginas de códices mesoamericanos, sobretudo mixtecos, que têm sido entendidas graças a relatos orais atuais coletados por etnógrafos. Cf. LEÓN-PORTILLA: 1997, pp. 6-13; *Códice Zouche-Nuttall*: 1992.

inestimáveis para a compreensão de particularidades da história e cultura dos povos ameríndios. Justamente porque é possível, embora seja bastante trabalhoso, pesar e avaliar cada texto ou mesmo cada trecho ou informação e estabelecer seu potencial de contribuição para o entendimento de aspectos particulares da história e cultura dos povos mesoamericanos – alguns desses aspectos, por vezes, não contemplados por nenhum outro tipo de fonte –, descartando aquilo que, no interior dessa conjunção, não se sustenta como algo relacionado aos povos nativos – e que pode, portanto, ser empregado em outro tipo de estudo, mais voltado ao entendimento do pensamento e das atuações dos cristãos sobre os povos ameríndios.

## **B – Andes Centrais**

Os estudos históricos voltados aos Andes Centrais não contam com uma conjunção tão afortunada de fontes e de estudos de outras disciplinas quanto a que apresentamos acima, para o caso da Mesoamérica. Contudo, é certo que os estudos históricos andinos desfrutam de uma conjunção ainda afortunada quando a comparamos com a que ocorre nos casos do Circuncaribe e da Amazônia.

Entre os fatores positivos que conformam essa conjunção semiafortunada, merece destaque, assim como no caso da Mesoamérica, a existência de um universo quase imensurável de representações figurativas, produzidas desde a passagem do período pré-cerâmico (que terminou entre 3000 e 1800 a.C., dependendo da região andina) ao período cerâmico inicial (até 1200 a.C.). No horizonte formativo (1200 a 200 a.C.), a produção de imagens sobre suportes não perecíveis ganhou um importante incremento, pois passou a ser realizada também com ou sobre cerâmica, além de continuar a ser realizada com ou sobre pedra. Nos períodos e horizontes posteriores, ou seja, desde o período intermediário inicial (200 a.C. – 550 d.C.), no qual se destacam os murais e cerâmicas moches e os tecidos e cerâmicas nazcas, até o início do período colonial, as imagens foram produzidas em larguíssima escala, sobretudo nas cerâmicas e tecidos, mas

também em metal, murais e relevos. O resultado desses milênios de produção e uso das imagens no mundo andino, apesar das destruições realizadas pelas campanhas de extirpação idolátrica empreendidas pelos missionários e autoridades castelhanas desde à passagem do século XVI ao XVII, foi a constituição de gigantescas coleções, depositadas, muitas vezes, em museus e instituições de pesquisa. Tais coleções crescem a cada dia, na medida em que as escavações e estudos arqueológicos nos países andinos avançam e conseguem ganhar terreno em relação aos *huaqueros* e colecionadores particulares.

Do mesmo modo que no caso mesoamericano, somam-se a esse amplíssimo universo de representações andinas, milhares de sítios arqueológicos que ocupam a costa, a serra, a puna e a *montaña*, muitos dos quais ainda totalmente inexplorados pela Arqueologia. Juntos, esses milhares de sítios contêm dezenas de milhares de construções e centenas de milhares de objetos.

Sendo assim, em termos de fontes visuais e materiais, a situação dos estudos iconográficos e arqueológicos dedicados aos povos ameríndios dos Andes Centrais poderia conformar um quadro bastante similar ao que encontramos no caso da Mesoamérica<sup>20</sup>. No entanto, uma série de fatores adversos faz com que esse potencial ainda não tenha se realizado satisfatoriamente.

Entre tais fatores, destacam-se a pequena atenção e os poucos recursos que os Estados-Nações andinos, de modo geral, dedicaram ao fomento de tais estudos desde o século XIX – panorama, esse, que vem sendo alterado

---

<sup>20</sup> Embora a proporção de sítios andinos que correspondam a antigas cidades e grandes concentrações populacionais seja bem menor do que a de sítios mesoamericanos. A opção, nos Andes Centrais, não foi pela conformação de um modo de vida marcado pelo urbanismo e grandes cidades, mas sim por uma distribuição mais pulverizada da população e por concentrações populacionais bem menores, em torno do que podemos chamar de centros político-cerimoniais, o que não exclui a existência de cidades no mundo andino.

lentamente nas últimas três ou quatro décadas.<sup>21</sup> Além disso, como detalharemos a seguir, há uma grande dificuldade em ler ou analisar adequadamente o grande universo de imagens e objetos andinos pré-hispânicos, pois, diferentemente do caso mesoamericano, eles não estão, de modo geral, acompanhados por escritos pré-hispânicos. Na verdade, alguns conjuntos de objetos e imagens até podem ser associados a escritos andinos pré-hispânicos. No entanto, são registros escritos grafados a partir de sistemas de escrita<sup>22</sup> que foram entendidos e decifrados apenas de modo muito parcial, em um caso, ou nem sequer isso, em outros dois casos.

---

<sup>21</sup> A reclamação por falta de investimento dos países andinos nos estudos arqueológicos vem sendo realizada há muito por diversos estudiosos. Cf. MURRA 1998, pp. 63–99. Ademais, em alguns casos, os países andinos promoveram, sobretudo até os anos 1970, a própria destruição de inestimáveis patrimônios arqueológicos, como atesta o caso do sítio Chan Chan, capital do reino chimú, que teve sua área atravessada por uma rodovia no Peru.

<sup>22</sup> Estamos usando essa expressão para designar qualquer sistema de representação visual ou tátil da fala ou de complexos ideológicos que empregue convenções, usos, lógicas e gramáticas estabelecidos de modo relativamente estrito, o que garante uma qualidade básica a tais sistemas: a permanência e a reabilitação de significados relativamente bem determinados e socialmente compartilhados a partir da decodificação de seus registros por aqueles que partilham de suas convenções. A classificação de certos sistemas de representação mesoamericanos ou andinos como formas de escrita não pretende mostrar que os povos ameríndios dessas duas regiões eram mais evoluídos que seus vizinhos. Trata-se, apenas, de auferir algumas vantagens analíticas na abordagem dos registros confeccionados com tais sistemas, presentes também em outras regiões da América pré-hispânica. Tratamos dessas vantagens analíticas em outros estudos: SANTOS: 2007, pp. 7–49; 2009.

Estamos falando, respectivamente, dos famosos *quipos*<sup>23</sup> e dos menos conhecidos *tocapus*<sup>24</sup> e *ceques*<sup>25</sup>.

<sup>23</sup> Os quipos são registros tecidos que foram amplamente usados no mundo andino desde o horizonte médio (550 a 1000 d.C.) até épocas muito recentes. Os exemplares mais simples são formados por um cordão horizontal principal, ao longo do qual estão atados cordéis verticais secundários de diferentes cores ou materiais, nos quais estão diferentes tipos de nós em distintas posições. Esses cordéis e nós codificariam e permitiriam a reabilitação de dois tipos entrecruzados de informação: quantidades (registradas em unidades ou grupos decimais por meio de nós de distintos tipos e em distintas posições nos cordéis secundários) e categorias (distinguíveis nas diferentes cores ou materiais dos cordéis ou pelas distintas posições relativas em que estavam atados ao cordão principal). No entanto, há uma grande quantidade de quipos mais complexos, ou seja, com cordéis duplos, triplos e superiores, além das diversas cores e materiais e dos diferentes tipos de nós. Muitos desses quipos não respondem aos princípios numérico-categóricos mencionados, o que contribui para a proposição que tal sistema também serviria para codificar outros tipos de informação, inclusive narrativas. Cf. URTON: 2003. Além disso, outros três fundamentos dessa hipótese são: a) os testemunhos coloniais segundo os quais esses aparatos têxteis serviam de base para longos relatos, alguns deles de índole histórica; b) a longa formação dos *quipucamayocs* (especialistas na confecção e decifração dos quipos) entre os incas, que duraria cerca de quatro anos em escolas especializadas em Cuzco; c) a queima desses aparatos têxteis por religiosos e autoridades castelhanas no Período Colonial por supostamente conterem idolatrias. Cf. MURRA: 1998, p. 81.

<sup>24</sup> Os *tocapus* são representações de caráter geométrico inseridas em pequenos quadrângulos que eram agrupados lado a lado, formando colunas e fileiras contíguas que poderiam cobrir parcial ou totalmente os *uncu*, ou *trajes de trabalhos preciosos*, usados principalmente pelos Incas e Coyas. Nesse caso, parece que tais representações indicariam precisamente as regiões conquistadas por cada soberano inca. Esse caráter de escritura dos *tocapus* teria sido indicado por Guamán Poma de Ayala, pois em sua obra, *Nueva corónica y buen gobierno*, retratam-se essas vestimentas por meio de desenhos que trazem, além dos tradicionais motivos geométricos, letras latinas e números hindu-arábicos, numa possível referência ao valor escriturário de tais motivos. Além disso, Guamán Poma faz questão de mencionar, em meio aos textos que acompanham as imagens dos *tocapus*, a quantidade de fileiras em que tais motivos, letras e números aparecem, bem como a quantidade desses últimos. Cf. GUAMÁN POMA DE AYALA (s/d, pp. 62-114 ou 79-143 no manuscrito). A obra de Guamán Poma de Ayala, bem como muitos estudos relacionados a ela, podem ser consultados em <http://www.kb.dk/permalink/2006/poma/info/es/frontpage.htm>.

<sup>25</sup> Os *ceques* eram linhas ou caminhos demarcados na paisagem por meio, principalmente, das *huacas*, isto é, algo material de caráter excepcional que manifesta

Em todos os três casos, parece que estamos diante de registros de índole e funcionamento tão distintos em relação ao sistema alfabético que não houve, no período colonial, um investimento significativo, duradouro e sistemático na transcrição ou no trasvase dos conteúdos registrados por meio dos sistemas andinos para o sistema alfabético ou mesmo a produção de registros híbridos, como ocorreu na Mesoamérica, seja por parte dos especialistas andinos versados nos quipos, tocapus e ceques ou por parte dos religiosos e autoridades castelhanas. Em suma, as tradições andinas e cristã de registros escritos parecem ter sido vistas no século XVI como tão diferentes e irreduzíveis entre si que as traduções e trasvases figuraram como quase impossíveis (Cf. SALOMON: 1999, pp. 19-96) – e isso não significa que alguns textos alfabéticos coloniais, como trechos da obra de Guamán Poma de Ayala ou depoimentos que constam em processos para o reconhecimento de autoridades locais aimarás, não tenham sido baseados em relatos proferidos a partir da leitura de quipos.

A essas supostas impossibilidades, somaram-se a pequena penetração missionária e o frágil e pontual domínio político castelhano durante mais da metade do primeiro século do período colonial (Cf. SPALDING: 1999, pp. 904 – 972). O resultado dessa combinação foi a produção pouco numerosa de textos de matriz europeia focalizados centralmente na história e cultura dos povos andinos e, também, de escritos alfabéticos confeccionados pelos próprios andinos, cristianizados ou não. Os relatos de fôlego que se enquadram

---

*aquilo que não se vê. As huacas* poderiam ser pessoas vivas ou mortas (*malquis* ou corpos mumificados), grandes construções humanas, marcas de fronteiras (*saywa*), de caminhos (*apacita* ou pilhas de pedras que sinalizavam pontos críticos) ou elementos que se destacavam na paisagem (como montanhas proeminentes ou *apus*). Muitas delas se relacionavam com os antepassados, aos quais eram dedicados discursos e encenações sobre seus feitos, realizados durante procissões que percorriam os *ceques*, onde *huacas* estariam dispostas. Dessa forma, os *ceques* e as *huacas* eram um meio de se fixar ou relacionar a lembrança dos antepassados e dos acontecimentos a eles vinculados à paisagem natural local acrescida de intervenções humanas. Esses agrupamentos de *huacas* em *ceques* estariam relacionados, assim, a relatos sobre, por exemplo, o passado cosmogônico ou às conquistas de algum soberano mumificado.

nessa última categoria conformam um conjunto composto por cerca de uma dúzia de obras, contabilizando nele os textos de matriz europeia que contaram com vigorosa participação de nativos em suas produções e, também, os escritos que transcrevem longos depoimentos nativos<sup>26</sup>.

No entanto, os textos coloniais andinos que contaram com a participação nativa não se resumem a esse conjunto de relatos de fôlego. A atuação dos missionários e dos funcionários da coroa de Castela foi responsável pela produção de muitos outros tipos de escritos, nos quais também é possível ter acesso às vozes transcritas ou às informações advindas de muitos homens e mulheres andinos – com todas as mediações e seleções a que esse tipo de registro está sujeito. Estamos falando, por exemplo, de escritos oriundos da ação missionária para a eliminação da idolatria, produzidos, principalmente, a partir de meados dos anos 1560. Entre tais escritos, destacam-se os depoimentos dos participantes do movimento Taki Onqoy, o *Manuscrito de Huarochirí* e os relatos das *visitas*<sup>27</sup> e dos extirpadores de idolatria do século XVII. Outro conjunto de escritos é conformado pela massa documental gerada pela burocracia civil, tais como cartas de líderes nativos, demandas e processos judiciais e pedidos de nobilitação, além das *relaciones geográficas*.

---

<sup>26</sup> Entre os textos produzidos, ou fortemente influenciados, por autores nativos do início do período colonial, merecem destaque as obras de Titu Cusi Yupanqui (*Ynstruçion del Ynga*, 1570), de Garcilaso de la Vega (*Comentarios reales*, 1609), de Blas Valera (*Costumbres antiguas del Perú*, década de 1580), de Diego Lobato de Sosa (manuscrito ainda não encontrado), de Guamán Poma de Ayala (*Nueva corónica y buen gobierno*, 1615) e de Joan de Santa Cruz Pachacuti Yamqui Salcamaygua (*Relación de Antigüedades deste reyno del Piru*, anterior a 1613). Entre os textos de matriz europeia que incorporaram testemunhos orais andinos, alguns dos quais são histórias indígenas emolduradas pelo tema da vitória castelhana, destacam-se as obras de Juan de Betanzos e Cieza de León, além dos escritos dos oficiais de Toledo, como Juan de Matienzo e Juan Polo de Ondegardo. As referências completas a todas essas obras podem ser obtidas no fundamental balanço de fontes feito por Frank Salomon (SALOMON: 1999, pp. 19-96).

<sup>27</sup> Por exemplo: *Visita de la provincia de León de Huánuco en 1562. Iñigo Ortiz de Zúñiga, visitador. Tomo I. Visita de las cuatro waranqa de los chupachu* (1967).

De modo similar ao caso dos estudos históricos e arqueológicos mesoamericanos, os estudos andinos também têm contado com importantes contribuições da Antropologia. A vigorosa continuidade das populações nativas nos Andes Centrais, sobretudo na serra, puna e *montaña*, tem permitido, apesar da acanhada contribuição dos Estados-Nações andinos, a constituição de um conjunto bastante promissor de estudos etnográficos, especialmente a partir de meados do século XX. Mesmo que alguns desses estudos tenham exagerado nas continuidades entre as comunidades andinas atuais e as pré-hispânicas ou do início do período colonial, de modo geral, eles são os responsáveis por prover o entendimento de muitos aspectos gerais do pensamento dos povos andinos em relação, por exemplo, às huacas, à reciprocidade, à mita, à territorialidade, ao *ayllu*, aos ancestrais mortos etc. Tal entendimento tem sido de fundamental importância para interpretar os vestígios arqueológicos, assim como os escritos nativos, nativo-cristãos e cristãos do século XVI e começo do XVII.

Nesse semiafortunado quadro geral de fontes visuais e escritas provenientes do mundo andino, em que temos poucos textos coloniais nativos e possíveis escritos andinos pré-hispânicos e coloniais não decifrados completamente, os textos de matriz europeia que tratam da história e cultura andinas, como os de Cristóbal de Albornoz (*Instrucción para descubrir todas las guacas del Perú*), de Pedro Cieza de León (*Obras completas*), de Cristóbal de Molina (*Relación de las fábulas y ritos de los incas*), de Martín de Murúa (*Historia general del Perú, origen y descendencia de los incas*), de Pedro Sarmiento de Gamboa (*Historia de los incas*), de Blas Valera (*Costumbres antiguas del Perú. Siglo XVI*), de Agustín de Zárate (*Historia del descubrimiento y conquista del Peru*) e mesmo do Inca Garcilaso de la Vega (*Comentarios reales de los incas e historia general del Perú*)<sup>28</sup>, assumem um papel muito mais preponderante nas pesquisas do que aquele que os seus equivalentes mesoamericanos têm tido. Isso porque é muito mais difícil, por meio apenas do cotejamento entre

---

<sup>28</sup> Referências bibliográficas completas a todas essas obras podem ser obtidas no balanço de fontes propiciado por PEASE: 1995.

fontes escritas e visuais, avaliar as informações contidas nos textos de matriz europeia – ou também nos textos nativos coloniais – para, eventualmente, mostrar que alguns deles mais atrapalham do que ajudam o estudo das especificidades da história e cultura dos povos andinos.

Sendo assim, parece-me que o uso de fontes ou estudos arqueológicos e antropológicos torna-se absolutamente indispensável aos estudos históricos andinos que pretendam usar e avaliar textos de matriz europeia. Exemplos dos avanços propiciados pelo uso coordenado de fontes e estudos históricos, arqueológicos e antropológicos podem ser encontrados em pesquisas que mostram, por exemplo, como a maior parte dos textos coloniais – nativos e cristãos – transformou os governantes incas e seu sistema de mando em monarcas europeus com poderes muito mais amplos do que de fato teriam. Tais estudos têm sugerido a existência de dois senhores incas governando ao mesmo tempo e, ademais, que suas autoridades dependiam de constantes e difíceis negociações pautadas pela reciprocidade com as outras famílias de nobres incas – ou *panaças* – e com os senhores de cada localidade sobre a qual pretendiam empreender domínio tributário ou manter o poder depois de uma conquista de cunho militar.<sup>29</sup>

### **A relação frutífera entre detectar limitações e buscar novas possibilidades: Circuncaribe e Amazônia**

Tanto no caso da Mesoamérica quanto dos Andes Centrais, vimos que os textos de matriz europeia do período colonial inicial podem oferecer informações verossímeis sobre a cultura e história dos povos ameríndios e que algumas delas podem, inclusive, não ter sido contempladas por nenhum outro tipo de fonte, sejam históricas, arqueológicas ou etnográficas. Assim, tais informações se tornam, por vezes, fundamentais para o entendimento e a interpretação de muitos outros vestígios materiais, imagens e escritos produzidos pelos próprios povos mesoamericanos e andinos. No entanto,

---

<sup>29</sup> Cf. ROSTWOROWSKI DE DIEZ CANSECO & MORRIS: 1999, pp. 769 – 863.

vimos também que para realizar uma análise histórica que possa mapear e empregar esse tipo de informação é preciso contar com amplos e diversos conjuntos de fontes e/ou estudos provenientes de outras disciplinas. Neste aspecto, vimos que a situação dos estudos históricos sobre a Mesoamérica é mais afortunada do que a dos Andes Centrais. E quanto aos estudos históricos dedicados à Amazônia e ao Circuncaribe de tempos pré-hispânicos e do início do Período Colonial?

Afirmei anteriormente que a situação é, nesses últimos dois casos, ainda menos afortunada que a dos estudos históricos dos Andes Centrais. De modo mais sucinto do que realizamos com a Mesoamérica e os Andes Centrais, vejamos quais as principais razões dessa menor fortuna no caso do Circuncaribe e Amazônia e quais têm sido as soluções adotadas para tentar contorná-la. Com isso, nossa intenção será apenas colocar em contato esses quatro casos para, como uma espécie de conclusão provisória, começar a refletir sobre como tal contato poderá contribuir para fomentar o uso historicamente adequado dos textos de matriz europeia na construção da história dos povos ameríndios de todas essas quatro regiões.<sup>30</sup>

Há alguns fatores desfavoráveis comuns aos estudos históricos e arqueológicos do Circuncaribe e da Amazônia, entre os quais podemos destacar os seguintes.

De modo geral, em tempos pré-hispânicos e no primeiro século do período colonial, as populações ameríndias dessas duas macrorregiões empregaram formas de produção, manutenção e transmissão do saber baseadas na oralidade ou – e não excludentemente – que podem ser classificadas como pertencentes a sistemas de representações figurativas

---

<sup>30</sup> A tentativa de colocar diversos tipos de fontes e estudos em diálogo não é uma novidade nos estudos sobre os povos ameríndios. Um dos balanços mais atualizados acerca dos estudos arqueológicos, históricos e antropológicos sobre os povos ameríndios de todo o continente encontra-se na coleção *The Cambridge history of the native peoples of the Americas*, citadas algumas vezes neste artigo. As mais de 2.000 páginas do volume III, dividido em duas partes, apresentam um imprescindível panorama dos estudos acerca dos povos ameríndios da América do Sul e Circuncaribe, desde os seus primeiros habitantes até as populações indígenas atuais. Cf. SALOMON: 1999.

ou de leitura ampla.<sup>31</sup> No primeiro caso, o acesso do estudioso ao repertório de mensagens e relatos orais depende de conjunções bastante raras nessas duas regiões da América indígena: a confecção e eventual preservação de registros alfabéticos coloniais que transcrevam tais relatos ou – e isso ocorreu mais frequentemente – a continuidade física e cultural da comunidade produtora até os séculos XIX e XX, quando tais relatos puderam ser recolhidos e estudados por etnólogos. No segundo caso, assim como ocorre no caso andino, a falta de evidências escritas associadas às representações figurativas e a forma descontextualizada como muitas vezes tais representações chegam ao estudioso têm sido, respectivamente, os dois principais obstáculos para entender o repertório de significados associado às imagens ou acionados em seus usos sociais, aspectos fundamentais para propormos tentativas de leitura para essas imagens.

Outro fator desfavorável em comum é a opção das populações dessas duas macrorregiões por assentamentos humanos menos populosos, mais

---

<sup>31</sup> Desenvolvemos, em outra ocasião, reflexões sobre a categorização das representações visuais ameríndias pré-hispânicas, dividindo-as em escritas e figurativas ou de leitura ampla, e de onde adaptamos a definição que se segue. Com a denominação *sistema de representação figurativa ou de leitura ampla* pretendemos designar os registros visuais ou tácteis que tratam centralmente de representar conjuntos de conceitos e/ou noções amplas ou dilatadas e que, para isso, empregam critérios e convenções de codificação de significados mais maleáveis ou flexíveis do que os critérios e convenções utilizados nos sistemas de escrita – mesmo no sentido mais amplo deste termo. Em outras palavras, estamos nos referindo a toda uma gama de representações figurativas cuja leitura não responde estritamente às convenções típicas de um sistema de escrita segundo o que definimos na nota 22. Apesar disso, não se trata de propor que esses registros figurativos eram alvos de leituras ou interpretações “livres”. Como em qualquer sociedade, no caso dos povos ameríndios, o universo visual possuía condicionantes que direcionavam seus entendimentos e usos, constituídos, principalmente, por um grande repertório de significados e pelas situações históricas concretas e cambiantes em que as imagens eram empregadas. Sendo assim, pensamos que manter a ideia que esse tipo de registro também deva ser entendido como passível de uma *leitura*, mesmo que pautada por convenções mais amplas e flexíveis do que as aplicadas a registros escritos, é útil para avançarmos em seu emprego como fontes históricas. Cf.. SANTOS :2007.

pulverizados e nos quais predominaram construções menos monumentais quando comparamos com os casos da Mesoamérica e Andes Centrais. Esse panorama dificulta o avanço dos trabalhos arqueológicos, seja pela dificuldade de dar conta de regiões muito amplas para obter, por vezes, uma quantidade não muito significativa de vestígios materiais, seja pelas dificuldades de financiamento para projetos que não figuram ao grande público como tão espetaculares quanto aqueles que se dedicam a complexos e sítios monumentais. Adicionalmente, essa semi ou não monumentalidade facilitou o processo de sobreposição das vilas ou cidades coloniais ibéricas sobre assentamentos e vilas indígenas, dificultando ainda mais o trabalho arqueológico. Isso ocorreu intensamente nas regiões litorâneas e insulares do Circuncaribe, mas também em muitos sítios da várzea amazônica e do litoral atlântico das Terras Baixas.

Além desses fatores desfavoráveis em comum, tanto os povos do Circuncaribe – especialmente os insulares – quanto os da Amazônia e Terras Baixas em geral – especialmente os da várzea amazônica e litoral atlântico da América do Sul – foram vítimas de catastróficas baixas demográficas desde a chegada dos europeus a este continente, ocasionadas principalmente por epidemias, mas também por guerras e pela prática da escravização. Em muitas ilhas e regiões da várzea amazônica, em apenas algumas décadas ou menos de um século de contato com os europeus, a depender do caso, o resultado chegou ao completo despovoamento nativo.<sup>32</sup>

Isso fez com que, de modo geral, centenas de populações desaparecessem ou ficassem reduzidas a poucos indivíduos, inviabilizando, nestes últimos casos, a continuidade étnica do grupo, ou, na melhor das hipóteses, obrigando esses indivíduos a se incorporarem em outro grupo étnico. Em termos de produção de fontes, essa catástrofe demográfica teve como consequência a pequena ou mesmo nula produção de textos administrativos ou missionários sobre muitas populações nativas outrora numerosas e que foram responsáveis pela produção de incontáveis estruturas arquitetônicas e vestígios materiais.

---

<sup>32</sup> Cf. BORAH: 1976, pp. 13-34; COOK: 1992, pp. 207-213; COOK & BORAH: 1996; e DENEVAN: 1976, pp. 1-12; 205-234.

Agravando a situação, no caso de muitas ilhas e costas do Circuncaribe, essas estruturas e vestígios foram alvo de pesquisas arqueológicas muito pontuais ou insuficientes.<sup>33</sup> Além da mencionada dificuldade de acesso aos assentamentos e vestígios, os Estados-Nações instalados nessas regiões desde os séculos XVIII, XIX e XX se caracterizam, em geral, por populações e governantes vinculados maioritariamente às matrizes europeia e africana e que não possuem ou não construíram, em suas ideologias nacionais, laços de filiação ou continuidade identitária com os ameríndios que lá viveram por milênios, o que desestimula os investimentos governamentais nos estudos arqueológicos voltados ao passado pré-hispânico ou ao ameríndio colonial.<sup>34</sup>

Nesse panorama não muito favorável aos estudos históricos das populações ameríndias pré-hispânicas e coloniais do Circuncaribe e Amazônia, ou seja, no qual há pouquíssimas fontes escritas nativas<sup>35</sup>, representações figurativas pouco entendidas e estudos arqueológicos e antropológicos insuficientes quando levada em conta a enorme amplitude dessas regiões, os textos de matriz europeia produzidos no início do período colonial<sup>36</sup> ganham

---

<sup>33</sup> Um importante e raro balanço desses trabalhos arqueológicos encontra-se em ALLAIRE: 1999, pp. 668-733.

<sup>34</sup> A região amazônica, especialmente a brasileira, apresenta um quadro distinto nesse aspecto, pois há importantes e significativas pesquisas em curso há algumas décadas com investimento público de origem nacional, entre as quais destacamos as realizadas pela equipe coordenada por Eduardo Góes Neves (1998).

<sup>35</sup> Para um balanço dos poucos testemunhos nativos produzidos nas Terras Baixas da América do Sul no período colonial, especialmente dos que tratam do próprio passado, conferir SALOMON: 1999, pp. 264-349.

<sup>36</sup> Entre os quais, podemos destacar os seguintes autores e textos para o Circuncaribe: Cristóvão Colombo (*Diário e Cartas*), Bartolomé de las Casas (*Historia de las Indias*), Gonzalo Fernández de Oviedo y Valdés (*Historia general y natural de las Indias, islas y tierra firme del mar océano*), Fernando Colombo (*Historia del Almirante Don Critóbal Colón*), Andrés Bernáldez (*Historia de los reyes católicos*), Pedro Martir de Anglería (*Décadas de Orbe Novo*), Juan de Castellanos (*Elegías de varones ilustres de Indias*), Antonio de Herrera (*Décadas o Historia General de las Indias*), Francisco López de Gómara (*Historia General de la Indias*) e Jerónimo Benzoni (*La istoria del Mondo Nuovo*). As referências bibliográficas desses textos podem ser obtidas em WHITEHEAD: 1999, pp. 864-903. E os seguintes autores e

o estatuto de fontes principais ou indispensáveis, sendo quase impossível desviar-se de suas leituras e análise para recorrer somente a outros tipos de fontes e vestígios – como é possível, embora não seja recomendável, fazer na pesquisa histórica de certos temas mesoamericanos. Em outras palavras, o problema é que esses textos se tornam fontes centrais ou quase incontornáveis para a pesquisa histórica sobre os povos pré-hispânicos e do início do período colonial do Circuncaribe e da Amazônia justamente na situação em que é mais difícil fazer uma crítica documental adequada a eles, sobretudo no que diz respeito a cotejá-los com o maior número possível de outras fontes escritas, figurativas ou materiais e com estudos de outras disciplinas relacionados à mesma região, época e grupos étnicos que se pretende investigar na suposta pesquisa histórica.

Essa situação tem requerido um maior esforço do historiador que pretende realizar pesquisas sobre os povos indígenas dessas duas regiões usando textos de matriz europeia como fontes. Entre tais esforços, podemos destacar: a) a busca por outros tipos de escritos de matriz europeia, como manuscritos de caráter serial, judicial ou econômico, que permitam avaliar, contextualizar e criticar as informações contidas nos textos de maior fôlego, em geral, os mais famosos, acessíveis e estudados, como são as *historias*, *crônicas*, *relaciones geográficas*, diários etc.<sup>37</sup>; b) na ausência ou escassez de outras pesquisas históricas ou de estudos arqueológicos e antropológicos diretamente relacionados ao objeto de pesquisa, voltar a atenção a pesquisas dessas três disciplinas que se relacionam com populações, épocas e regiões avizinhas.

---

textos para a Amazônia: Gaspar de Carvajal (*Relação do novo descobrimento do famoso Rio Grande que descobriu por grande ventura o Capitão Francisco de Orellana*), Cristóbal de Acuña (*Nuevo descubrimiento del gran rio de las Amazonas*), Diego Aguilar y Córdoba (*Marañon*), Capitão Altamiro (*Relación*), Pedro de Monguia (*Relación breve fecha por... Capitán que fué de Lope de Aguirre*), João Felipe Betendorf (*Chronica da missão dos padres da Companhia de Jesus no estado do Maranhão*). As referências bibliográficas desses textos podem ser obtidas em PORRO: 1995.

<sup>37</sup> Como os que mencionamos na nota anterior.

Além desses esforços, o escassíssimo conjunto de textos nativos do período colonial inicial provenientes do Circuncaribe e Amazônia têm obrigado os estudiosos, sobretudo antropólogos, mas também historiadores, a vasculhar os textos de matriz europeia, mesmo os que não tratam centralmente de narrar a história ou descrever os usos e costumes dos ameríndios, em busca de pequenas pistas que possam informar sobre essa história e costumes. Os resultados desse esquadrinhamento têm sido bastante promissores, especialmente quando o estudioso formula perguntas adequadas a partir de um profundo conhecimento arqueológico ou antropológico das populações em questão.<sup>38</sup>

\* \* \*

Em suma, independentemente da região da América indígena a ser abordada pela pesquisa histórica, sempre é possível – mesmo que seja dispensável em alguns casos – usar os textos de matriz europeia para entender aspectos da história e cultura dos povos ameríndios pré-hispânicos e coloniais. No entanto, esse uso requer sempre e o mais amplamente possível ser amparado pelo uso concomitante de fontes e estudos de outras naturezas: escritos e representações figurativas de origem ameríndia, objetos e estudos da cultura material e informações e estudos etnográficos. Quanto mais completo e afortunado for esse conjunto, mais útil e seguro será o uso das informações dos textos de matriz europeia. Quanto mais precário, maior será a necessidade do estudioso completá-lo com fontes e estudos que possam ser correlacionados, ou seja, de populações, regiões e épocas avizinhas. Em último caso, isto é, no de não haver essas evidências ou estudos avizinhas, deve-se recorrer a uma aguçada e bem desenvolvida

---

<sup>38</sup> É o caso, por exemplo, dos trabalhos em que Eduardo Viveiros de Castro procura descrever algumas das principais características do pensamento dos povos da Amazônia e Terras Baixas em geral, bem como suas implicações epistemológicas. Para isso, faz uma interessantíssima e original análise de textos missionários centenariamente estudados, como são os conhecidos *Sermões* do padre Antonio Vieira. Cf. VIVEIROS DE CASTRO: 2002.

crítica interna ao texto, para a qual é fundamental aplicar o conhecimento histórico acumulado sobre o pensamento cristão ocidental moderno, tentando, assim, avaliar e “peneirar” o que diz o cronista sobre determinado povo ameríndio. Todos esses esforços e cuidados ao usar os textos de matriz europeia para construir a história pré-hispânica e colonial dos povos ameríndios poderá levar, inclusive, à certeza que, em um caso extremo, os conteúdos de um texto missionário, por exemplo, não tenham quase ou nenhuma relação de verossimilhança com o objeto tratado ou, nas palavras do estudioso do códice que evocamos ao início deste artigo, *confunde(m) mais do que esclarece(m) e cria(m) problemas que não existem*. Mas, mesmo assim, ou seja, ao descartarmos as informações contidas em certo escrito, um importante passo foi dado na direção da compreensão da história e cultura dos povos ameríndios.

### **Bibliografia**

- ALLAIRE, Louis. “Archaeology of the Caribbean region”. In: SALOMON, Frank & SCHWARTZ, Stuart (ed.). *The Cambridge history of the native peoples of the Americas. Volume III. South America. Part I*. Cambridge: CUP, 1999. pp. 668-733.
- BORAH, Wodrow. “The historical demography of aboriginal and colonial America: an attempt at perspective”. In: DENEVAN, William M. (ed.). *The native population of the Americas in 1492*. Wisconsin: The University of Wisconsin Press, 1976. pp. 13-34.
- BROTHERSTON, Gordon. Entrevista com o Prof. Gordon Brotherston. In: *Revista Tempo Brasileiro – História: Memória e Esquecimento*. Direção Eduardo Portella, Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, n. 135, pp. 197-214, outubro – dezembro de 1998.
- Códice Zouche-Nuttall*. Introdução e explicação Ferdinand Anders e outros. Graz: ADV & México: FCE & Madri: SEQC, 1992 (Códices Mexicanos II).

COOK, Noble David. "Impact of disease in the sixteenth-century andean world". In: VERANO, John W. & UBELAKER, Douglas H. (ed.). *Disease and demography in the Americas*. Washington e Londres: Smithsonian Institution Press, 1992. pp. 207-213.

COOK, Sherburne F. & BORAH, Woodrow. *El pasado de México – aspectos sociodemográficos*. Tradução Juan José Utrilla. 2ª. edição, México: Fondo de Cultura Económica, 1996 (Sección de Obras de Historia).

DENEVAN, Willian M. "Introduction" / "The aboriginal population of Amazonia". In: DENEVAN, Willian M. (ed.). *The native population of the Americas in 1492*. Wisconsin: The University of Wisconsin Press, 1976, pp. 1-12 / 205-234.

LEÓN-PORTILLA, Miguel. "Palabras que parecen brotar de los códices mixtecos". In: *Arqueología Mexicana. Códices prehispánicos*. Dirección científica Joaquín García-Bárcena e outros. México: Editorial Raíces, INAH e CONACULTA, vol. IV, nº. 23, p. 06-13, 1997.

LEVIN ROJO, Danna. "Historiografía y separatismo étnico: el problema de la distinción entre fuentes indígenas y fuentes españolas". In: \_\_\_\_\_. & NAVARRETE LINARES, Federico (Org.). *Indios, mestizos y españoles. Interculturalidad e historiografía en la Nueva España*. México: Universidad Autónoma Metropolitana & Instituto de Investigaciones Históricas – Universidad Nacional Autónoma de México, 2007, pp. 21-54.

MURRA, John. "As sociedades andinas anteriores a 1532". In: *História da América Latina: América Latina colonial, I*. Tradução Maria Clara Cescato, 2ª. edição, São Paulo: Edusp & Brasília, DF: Fundação Alexandre Gusmão, 1998. pp. 63-99.

- NEVES, Eduardo Góes. *Paths in dark waters: Archaeology as indigenous history in the upper Rio Negro basin, northwest Amazon*. Tese de doutorado. Bloomington: Department of Anthropology – Indiana University, 1998.
- PEASE G. Y., Franklin. *Las crónicas y los Andes*. Lima: Pontificia Universidad Católica del Perú & México: FCE, 1995.
- PORRO, Antonio. *O povo das águas. Ensaio de etnohistória amazônica*. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.
- ROSTWOROWSKI DE DIEZ CANSECO, María & MORRIS, Craig. “The fourfold domain: Inka power and its social foundations”. In: SALOMON, Frank & SCHWARTZ, Stuart (ed.). *The Cambridge history of the native peoples of the Americas. Volume III. South America. Part 1*. Cambridge: CUP, 1999, pp. 769-863.
- SALOMON, Frank & SCHWARTZ, Stuart B. (org.). *The Cambridge history of the native peoples of the Americas. Volume III. South America. Part 1 and 2*. Cambridge: CUP, 1999.
- SALOMON, Frank. “Testimonies: The making and reading of native south american historical sources”. In: SALOMON, Frank & SCHWARTZ, Stuart (ed.). *The Cambridge history of the native peoples of the Americas. Volume III. South America. Part 1*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999, pp. 19-96.
- SANTOS, Eduardo Natalino dos. “A construção de uma nova memória mesoamericana: reflexões sobre a produção histórico-literária de religiosos espanhóis na região do Vale do México no século XVI”. In: *Revista Tempo Brasileiro – História: Memória e Esquecimento*. Direção Eduardo Portella, Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, nº. 135, pp. 181-196, outubro – dezembro de 1998.

\_\_\_\_\_. “Fontes históricas nativas da Mesoamérica e Andes. Conjuntos e problemas de entendimento e interpretação”. In: *Clio Arqueológica*. Editoras Gabriela Martin Avila e Bartira Ferraz Barbosa. Recife: Programa de Pós-graduação em Arqueologia – Universidade Federal de Pernambuco, n. 22, vol. I, pp. 7-49, 2007.

\_\_\_\_\_. *Deuses do México indígena. Estudo comparativo entre narrativas espanholas e nativas*. São Paulo: Palas Athena, 2002.

\_\_\_\_\_. *Tempo, espaço e passado. O calendário, a cosmografia e a cosmogonia nos códices e textos nahuas*. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2009.

SPALDING, Karen. “The crises and transformation of invaded societies: Andean area (1500-1580)”. In: *The Cambridge history of the native peoples of the Americas. Volume III. South America. Part 1*. Editores Frank Salomon e Stuart Schwartz. Cambridge: CUP, 1999. pp. 904-972.

URTON, Gary. *Quipu. Contar anudando en el imperio inka. Exposición julio 2003 – abril 2004*. Santiago: Museo Chileno de Arte Precolombino & Universidad de Harvard, 2003.

*Visita de la provincia de León de Huánuco en 1562. Iñigo Ortiz de Zúñiga, visitador. Tomo I. Visita de las cuatro waranqa de los chupachu*. Edição de John V. Murra. Ensaio de Robert McK. Bird e outros. Paleografia de Domingo Angulo e outros. Huánuco: Universidad Nacional Hermilio Valdizan – Facultad de Letras y Educación, 1967 (Documentos para la Historia y Etnología de Huánuco y la Selva Central, tomo I).

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

WAUCHOPE, Robert (editor geral) & CLINE, Howard F. (editor dos volumes). *Handbook of Middle American Indians*. Austin e Londres: University of Texas Press, 1975. vol. 14 e 15.

WHITEHEAD, Neil L. "The crisis and transformations of invaded societies: the Caribbean (1492 – 1580)". In: SALOMON, Frank & SCHWARTZ, Stuart (ed.). *The Cambridge history of the native peoples of the Americas. Volume III. South America. Part 1*. Cambridge: CUP, 1999. pp. 864-903.

### Abreviaturas

ADV – Akademische Druck-und Verlagsanstalt

CUP – Cambridge University Press

CONACULTA – Consejo Nacional para la Cultura y las Artes

EDUSP – Editora da Universidade de São Paulo

FCE – Fondo de Cultura Económica

INAH – Instituto Nacional de Antropología e Historia

USP – Universidade de São Paulo